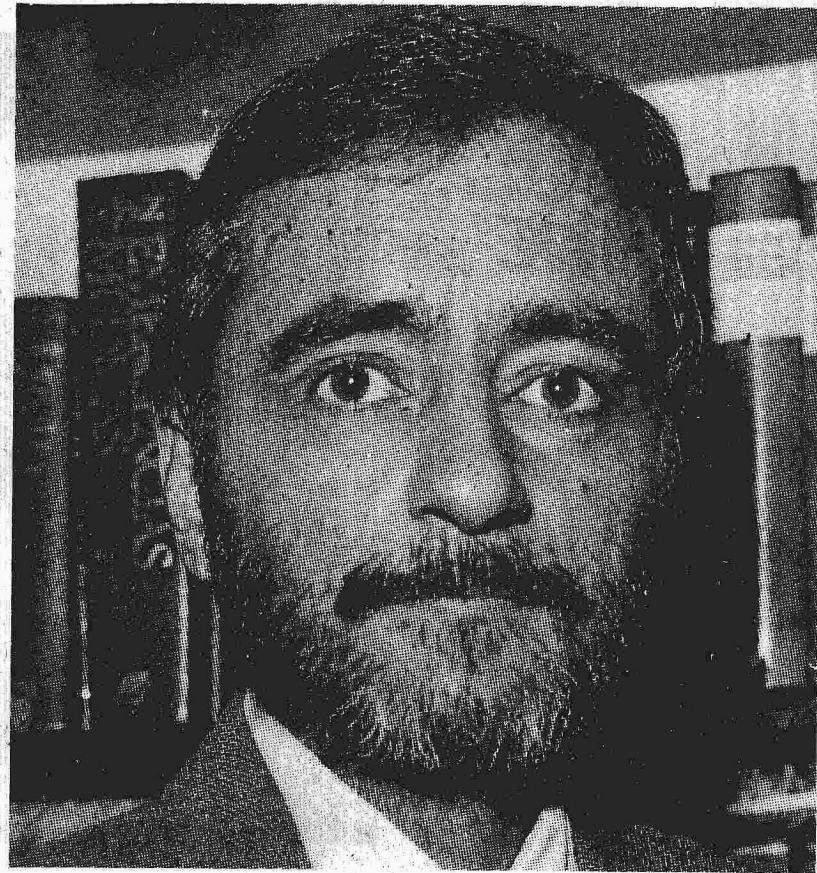


Dirceu Greco se dedica à prevenção e ao tratamento da Aids



O coordenador do ambulatório e laboratório de imunodeficiência da Faculdade de Medicina da UFMG, Dirceu Bartolomeu Greco, é pioneiro no estudo e tratamento da Aids em Minas Gerais. No centro que dirige e que completa cinco anos de existência no próximo dia 13, já passaram mais de 1.500 pessoas e cerca de 50 por cento dos pacientes com Aids no Estado. Além de pioneiro, o trabalho desenvolvido no centro se destaca por sua abrangência, contando com uma equipe interdisciplinar formada por diversos profissionais, além de médicos e enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais. Dirceu Bartolomeu Greco também desenvolve atividades ligadas à prevenção da Aids, junto a menores carentes.

Em junho passado, o médico escolhido o Melhor de 89 em Saúde participou em São Francisco, na Califórnia, Estados Unidos, do 6º Congresso Internacional de Aids, que reuniu especialistas do mundo inteiro. Ele foi presidente de uma das mesas redondas de congresso. Atualizado com a evolução das pesquisas e descobertas sobre a Aids, Dirceu Greco afirma que a desinformação a respeito do assunto é muito grande. "As pessoas precisam entender que a doença não pula de uma pessoa para outra. É mais difícil transmitir Aids do que Hepatite, por exemplo", compara. Por dar extrema importância ao trabalho de prevenção e informação, ele participa do chamado "Projeto HIV e Jovens de Rua — Epidemiologia e Prevenção".

Com uma equipe de psicólogos, pediatras e assistentes sociais e a colaboração da Pastoral do Menor, da Igreja Católica, e outros grupos religiosos, o projeto pretende levar às crianças de rua informa-

ções sobre a doença e as formas de evitá-la. A equipe aborda os grupos de criança e as chama para conversar. "Este é o melhor momento de intervir", diz o médico, para quem as campanhas de prevenção da Aids têm sido insuficientes e nem sempre corretas do ponto de vista didático, no Brasil. "Aqui, as campanhas são feitas como se estivéssemos vivendo um momento de crise. Isto leva a crer que a crise vai acabar um dia e, com ela, a campanha", observa.

Formado há 21 anos, com pós-graduação em Nova York e Londres e doutorado em Imunologia e Doenças Tropicais na UFMG, Dirceu Greco conseguiu aos 43 anos a realização profissional, orgulhando-se do trabalho que realiza, no projeto de prevenção e no atendimento no centro de imunodeficiência, onde não se limita às tarefas de coordenador, atuando também no trato direto com os pacientes. Há muitas carências no serviço de imunodeficiência mantido pela UFMG. "O que temos aqui é um ambulatório e um laboratório. Falta-nos um setor de internamento, já que a Santa Casa não aceita pacientes aidéticos sob a alegação de que não está preparada tecnicamente para isso", conta o médico. Apesar das dificuldades, ele considera haver retorno e avanços: "Mesmo com os problemas, temos procurado mostrar que é possível trabalhar razoavelmente bem na saúde pública", diz. Dirceu Bartolomeu Greco acrescenta que o maior mérito do título que ganhou foi a divulgação do trabalho desenvolvido pela equipe do Centro de Imunodeficiência. Ele acha que, com maior divulgação do serviço e o esclarecimento da população, pode-se diminuir o preconceito que ainda existe contra os aidéticos no país.